

de Sal a Sal

1 DE DEZEMBRO

Comemorou-se no dia 1 deste mês a data histórica da Restauração de Portugal. Seria ocioso encarecer a importância do acontecimento. Ele representa para nós e para o mundo a afirmação da vontade de constituirmos um povo independente.

Só quem vê nos factos históricos apenas palavras, números ou teses retrospectivas, é que não sente toda a grande lição de 1640. Não foi com metafísicas que o povo português expulsou os invasores. A Espanha atravessava graves dificuldades internacionais. Em 1635 a França declarava-lhe guerra, colocando-a em situação aflitiva. Era a hora. Tratou-se logo de aproveitar as fraquezas do inimigo. Organiza-se um plano táctico e estratégico de acção, usam-se os maquiavelismos indispensáveis, congregam-se energias. E a vitória veio.

Festa da família

O Natal é uma quadra apropriada para a caridade cristã. As «pessoas bem» evidenciam-se na organização de bodos e peditórios, de reuniões e festas onde se divertem em benefício da miséria. O velho espiritualismo português tradicional manifesta-se em succulentas e pesadas refeições onde se come até chegar com o dedo e se bebe até cair. Mas não basta que comam bem e bebam melhor aqueles que o podem fazer. Necessitam de tranquillidade para saborearem a união religiosa da Festa da Família! Que, nesse dia, mesmo excepcionalmente, todos tenham o seu naço de pão. Que, nesse dia, mesmo aqueles que não têm família saibam que Cristo os salvou com a sua vinda ao mundo e deixou as «pessoas bem» para, de vez em quando, trazerem um pouco de conforto ao meio da miséria. Etc.... Etc....

Nesse dia... E o ano tem 365 dias!

justiça!

O Sr. Ribeiro dos Santos escreveu um artigo em «O Comércio de Leixões» onde analisava o rude trabalho dos pescadores de Matozinhos, dizendo que foi devido ao seu esforço que aquela terra se desenvolveu e se tornou o

mais importante porto de pesca do país e grande centro industrial. Falando no «sacrifício dessa pobre gente» que «enriqueceu extraordinariamente esta terra, fazendo com que os estabelecimentos fabris e comerciais se multiplicassem», o Sr. Ribeiro dos Santos pede Justiça—«Justiça merecida, senhores!—ao pescador matozinhense, ao seu esforço titânico, a esse esforço que dá pão a quasi toda a gente que vive nesta terra, nesta minha terra».

Julgará o leitor que o Sr. Ribeiro dos Santos quer um hospital para os velhos pescadores que não possam trabalhar; escolas para os seus filhos; construção de bairros de casas económicas, higiénicas e alegres a substituir as suas.

Nada disso. O autor do artigo entende que é urgente e da mais elemental justiça... «erguer uma estátua!»

consagração

António Nobre, o poeta querido dos subjectivistas e dos decadentistas, foi, mais uma vez, homenageado em Coimbra e agora com monumento. Merece-o, dizemos nós que não somos subjectivistas nem decadentistas mas que reconhecemos no poeta do «Só» um temperamento artístico de primeira plana. Claro que não temos os olhos em alvo nem lhe chamamos príncipe nem perdemos o senso das proporções misturando o caso poético de António Nobre com os grandes poetas de génio que nasceram em Portugal: Camões, Antero, Gil Vicente. Se concordamos com o monumento, não concordamos com aquilo que presidiu à sua inauguração.

Os senhores Eugénio de Castro e Correia de Oliveira já não estão em maré de noésia e deviam até ser proibidos de a fazer. O primeiro para não manchar uma obra de vulto que ficou já na literatura portuguesa. O segundo porque em tempos escreveu algumas quadras e sextilhas interessantes em virtude das

quais foi elevado à categoria de génio. E desde aí para cá surge em toda a parte para deltar o seu versinho lírico, arruinando assim a sua reputação de «grande poeta» (é que os tais versinhos líricos são inferiores aos exercícios poéticos dos vates provincianos). O resto da produção—exceptuando, vá lá, um poema do Sr. Homem de Melo—ainda era peor que a versalhada dos príncipes. Os discursos nem merecem comentário. Gravados no pedestal do monumento, o genial poeta e mecenas Alberto de Oliveira lega à posteridade dois sonetos em que depõe «o coração em tiras»!!!

António Nobre, se fôsse vivo—e não fôsse ele um dandy—proibiria que o seu nome andasse embrulhado, como um pretexto naquela cegada. Meus senhores, o facto de se inaugurar o monumento à memória dum sujeito não quer dizer que se perca o respeito por ela.

o rescaldo das tragédias

Os jornais dizem, que na parte do território chinês dominada pelo Japão, morreram afogados 2.000 mineiros, devido à inundação que se produziu na hulheira em que trabalhavam. Grandes títulos chamam os leitores... Depois, não mais se fala do assunto. Qual teria sido a sorte das mulheres e dos filhos dos mineiros, são perguntas que ficarão sem resposta e angustiantes problemas que ficarão decerto sem solução... Não seria útil investigar? E não só nesta como em todas as tragédias?

pacifismo

A sinceridade e a seriedade das declarações de Lord Londonderry, até há pouco fervoroso defensor do regime nazi, são postas em destaque pelos seguintes factos, relativos ao tempo—1932—em que este senhor representara o governo



inglês na Conferência do Desarmamento:

1. Em 22 de Maio de 1935, na Câmara dos Lords, vangloriou-se de ter evitado, com grande dificuldade, que as outras nações abolissem «a artilharia do ar—os aviões de bombardeamento».

2. No seu livro «Ourselves and Germany», o pacífico Lord (que ainda por cima é mar-quês), tam respeitador das «comunidades livres» cita o seguinte passo do seu Diário dessa época:

«Constituo uma minoria nesta atmosfera pacifista e sentimentalista, e sinto-me absolutamente deslocado discutindo diárricamente estas doutrinas tolas.»

Comovedora a seriedade do lord!

Comovedores, os sinceros esforços do governo inglês pelo desarmamento, escolhendo tal representante!!!

ponteiro?

As crianças não compreenderam o professor quando elle chamou «ponteiro» à «vara» da escola. Como poderiam perceber se todos os dias ella fazia doer as pernas, os braços, a cabeça...

Vara, vergasta—tais eram os seus sentidos reais na opinião dos pequeninos representantes do futuro.

India

O povo indiano já reivindica há muito tempo a sua independência. Reivindicação como a dos Estados Unidos antes do Tratado de Versalhes de 1783, como a da Bélgica antes do Tratado de Andrinopla de 1829, como a de Portugal antes de 1640, etc., etc. Ora a Guerra actual exige a concentração de toda a energia britânica no Ocidente. E isso está a facultar ao povo indiano o primeiro passo para o caminho mais extraordinário da sua história.

Os hindus não constituem, de maneira nenhuma, uma população selvagem que precise de imperialismo para se civilizar... Possuem a sua cultura, a sua civilização de que são filhos um Tagore e um Neru. Sabem já o que querem e para onde marcharão pelos seus pés. Conhecem as experiências vizinhas e sobretudo têm à porta o exemplo da China.

Sol nascente

a revista cultural do pensamento jovem

Publica-se a 15 de cada mês

Visado pela Comissão de Censura

Mínimo de assinatura: 5 números, 5 escudos (paga-se adiantado)

Enviar toda a correspondência para: Couraça de Lisboa, 38—Coimbra

PORTO, 15 DE DEZEMBRO DE 1939

